

Alunos Contadores de Histórias: sujeitos e práticas de oralidade em vivências universitárias¹

Cristina M. Madeira Coelho
Universidade de Brasília-UnB

Regina de Almeida Fonseca
Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ

RESUMO

A universidade articula para o jovem estudante três dimensões de formação, a saber: a tarefa pedagógica do ensino, núcleo forte da experiência universitária, que se relaciona à produção de conhecimento por meio das práticas de pesquisa e das vivências de extensão em que se espera que o estudante experiencie a troca de saberes entre a universidade e a sociedade. Essa articulação tríplice orienta a maior parte da literatura sobre ações de extensão, em que se enfatiza ou o valor da ação transformadora que a ação de extensão teve sobre a comunidade junto a qual se desenvolveu, como por exemplo, a verificação de impactos sociais, ambientais e de saúde coletiva; ou o impacto que as vivências de extensão tiveram na formação profissional dos estudantes que delas participaram, como por exemplo, extensão e estágio docente, aproximação às práticas médicas ou terapêuticas, entre outras. Um outro foco de abordagem é pretendido nesse artigo, com ele procura-se investigar o impacto de um programa de extensão na formação universitária que coincide, mas não se restringe, à formação profissional. Assim, tomando como base um programa de extensão desenvolvido no hospital pediátrico da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, o *Alunos Contadores de Histórias*, procura-se compreender quais sentidos subjetivos foram organizados por estudantes enquanto participaram do conjunto de atividades e vivências desenvolvidas no âmbito desse programa. Os princípios metodológicos que organizam a pesquisa decorrem da Epistemologia Qualitativa de González Rey (2005) e pode-se caracterizá-lo como um estudo de caso. Argumenta-se que na formação universitária não basta uma forte formação técnico-científica, mas o desenvolvimento de novos sentidos subjetivos de vivenciar a realidade social que não se organizam como competências ou habilidades, mas como configurações subjetivas que permitem novas expressões desse sujeito, entre outros desenvolvimentos, também na sua vida profissional.

¹ Agradecemos ao conjunto das pessoas que participam do Projeto Alunos Contadores de Histórias, em especial às crianças do hospital pediátrico IPPMG da UFRJ, por permitirem que suas histórias sejam contadas para outras pessoas, em outros espaços.

INTRODUÇÃO

Um compromisso ético-político: o profissional a ser formado é antes de tudo um ser humano, que precisa tornar-se sensível à dignidade humana bem como cidadão que precisa se comprometer com a democratização das relações sociais, dotando-se de uma nova consciência social. E pouco importa qual seja sua área de profissionalização. (Severino, 2009:50)

A universidade deve articular para o jovem estudante três dimensões de formação: a tarefa pedagógica da formação no ensino, núcleo forte da experiência universitária, que se relaciona à produção de conhecimento por meio das práticas de pesquisa e das vivências de extensão em que se espera que o estudante experiencie a troca de saberes entre a universidade e a sociedade. Assim, as vivências de extensão estão vinculadas ao processo de formação de pessoas –ensino- e à geração de conhecimento –pesquisa- na relação transformadora entre a universidade e a sociedade.

Nesse trabalho, as reflexões sobre um programa de extensão desenvolvido no hospital pediátrico da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, permitem argumentar que na gestão da extensão universitária a essencialidade do protagonismo dos sujeitos deve ser considerada para que seja possibilitada a emergência de uma nova consciência social. Somente conferindo sentidos próprios às situações com as quais se envolvem ao longo do processo de extensão, os participantes poderão ser transformados ao mesmo tempo em que transformam. Assim, ações, contextos, sensações, sentimentos, fatos, pessoas, isto é, à totalidade da experiência vivida e tomada em relação a sua própria história singular é assumida em novas configurações subjetivas. Dessa forma, é a reflexão subjetivada que vai articular o protagonismo do sujeito que, por sua vez, possibilitará a emergência da consciência social e do fazer ético.

Em um primeiro momento do texto, identifica-se em documentos históricos e legais bem como textos científicos uma forte orientação que não atende ao protagonismo indicado no parágrafo anterior. Políticas de gestão, portanto, decorrentes desses textos apagam ou reduzem os sujeitos que dão vida à extensão universitária, que se desenvolvem em sociedade.

Seguem-se a apresentação do **Programa Alunos Contadores de Histórias** e a discussão de relatos dos participantes que permitem a construção argumentativa pretendida nesse trabalho.

Portanto, o objetivo desse trabalho tem um amplo alcance que reafirma o valor da unidade indivíduo-sociedade. Especificamente, propomos um alinhamento entre o princípio da extensão universitária da formação de cidadãos comprometidos e éticos por meio da compreensão de configurações subjetivas organizadas por estudantes ao longo da participação dos mesmos no conjunto de atividades e vivências desenvolvidas no âmbito desse programa .

ENTRE HISTÓRIA, DOCUMENTOS, EXPERIÊNCIAS E ESTUDOS CIENTÍFICOS: UM ARGUMENTO TEÓRICO

Em seus primórdios, a política atual da extensão universitária no Brasil foi organizada pelo Plano Nacional de Extensão, pactuado pelas Instituições Públicas de Educação Superior. Nesse documento a extensão é reconhecida como atividade acadêmica fundamental para qualificação do ensino, para formação do professor e do estudante e para o estabelecimento de relações entre universidade e sociedade.

O Plano, por sua vez, deu origem à Política Nacional de Extensão, de 1999, em que, apesar da forte componente interdisciplinar que caracteriza as experiências da extensão, ficaram estruturadas oito áreas temáticas de conhecimento, a saber, Comunicação, Cultura, Direitos, Humanos e Justiça, Educação, Meio Ambiente, Saúde, Tecnologia e Produção, Trabalho.

Após mais de uma década, segundo Maciel, (2010), estamos em um movimento de transição na busca de uma regulamentação que permita maior amplitude da política para a extensão universitária. Ainda segundo o autor, as propostas dividem-se em dois grandes grupos, os de caráter econômico que demandam a ampliação dos recursos investidos na área e os de ordem política que procuram maior articulação da extensão universitária com diferentes órgãos governamentais que não apenas o Ministério da Educação. Maciel contesta as proposições e indica abordagens que devem sustentar essa nova amplitude. Nas palavras do autor,

“... será necessário aprimorar mudanças de concepção e gestão acadêmicas no âmbito das universidades, reconhecendo a extensão enquanto mediadora da universidade com a sociedade e o Estado e estabelecendo uma estratégia de financiamento para o setor. (Maciel, 2010:18)

Esse movimento de transformação sobre políticas públicas de extensão pode ser considerado como decorrente do desenvolvimento que a extensão experimentou na

universidade pública brasileira. As duas universidades públicas envolvidas nesse artigo balizam a extensão como parte consolidada da gestão e prática acadêmica.

Na Universidade de Brasília, UnB, a extensão universitária busca potencializar ações acadêmicas por meio de três dimensões: “ *Interlocução* – fomento e articulação de programas e projetos *inter* e *multi* disciplinares como elemento de vinculação dos saberes e fazeres; *Desenvolvimento* – prática comunitária da pesquisa como elemento de investigação científica e aprimoramento humano; *Construção* – interfaces de temas transversais como ferramentas para a construção social e integração de políticas.” (UnB, 2012).

De forma correlata, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, a extensão parte do princípio da indissociabilidade, para definir diretrizes que organizam a formulação e implementação das ações de extensão universitária, entre essas: a interação dialógica, a interdisciplinaridade e a interprofissionalidade, o impacto na formação do estudante e o impacto na transformação social. (UFRJ, 2012).

Nesse paradigma, as universidades buscam a superação do discurso da hegemonia acadêmica, substituindo-o pela ideia de aliança com movimentos, setores e organizações sociais em busca de consistência teórica e operacional para que se imprima efetividade aos projetos.

História, documentos e experiências reforçam a caracterização da universidade pelo conjunto tríptico do ensino, da pesquisa e da extensão, no qual a extensão universitária se constitui como eixo configurador da relação universidade-sociedade, quer dizer, o confronto articulado da instituição universitária com o conjunto da sociedade da qual é, ao mesmo tempo, parte e parceira.

Muito embora a documentação em geral afirme que a missão básica da extensão está na formação de cidadãos comprometidos e éticos, no sucinto levantamento aqui feito dos relatos históricos, dos documentos legais e das experiências de duas das maiores universidades brasileiras, a organização discursiva apaga o tema maior para a qual a extensão deveria ter se organizado e, por consequência, os sujeitos desaparecem das discussões e das reflexões que estão a indicar os caminhos para o desenvolvimento da extensão universitária. Reforça-se, dessa forma, extensão como construção social. Em resposta consideramos que ela também o é, mas não apenas.

Na literatura acadêmica sobre extensão, a articulação tríptica ensino-pesquisa-extensão orienta a maior parte da produção reflexiva sobre processos, políticas e ações de extensão.

Uma breve pesquisa em base de dados de revistas científicas brasileiras, os artigos sobre extensão podem ser classificados em dois grandes grupos: 1) aqueles que enfatizam o valor da ação transformadora que a ação de extensão teve sobre a comunidade junto a qual se desenvolveu, como por exemplo, a verificação de impactos sociais, ambientais, de saúde coletiva, etc (Bartnik & Silva, 2009; Fantin, 2011); e 2) aqueles que avaliam o impacto que as vivências de extensão tiveram na formação profissional dos estudantes que delas participaram, como por exemplo, extensão e estágio docente, aproximação às práticas médicas ou terapêuticas, entre outras. (Piccolo & Rocha, 2010; Cardoso, 2007; Costa, 2010; Arroyo & Rocha, 2010)

Tanto quanto no discurso da UFRJ, esse último grupo de estudos parece sugerir para a centralidade do sujeito em formação. No entanto, nas duas abordagens, o sujeito é reduzido à sua formação profissional, e a extensão passa a ser compreendida como a possibilidade de aquisições de habilidades e técnicas que vão contribuir com a vida profissional posterior.

Um outro foco de abordagem é pretendido nesse artigo. Com ele procura-se investigar o impacto de um programa de extensão na formação universitária que coincide, mas não se restringe, à formação profissional.

Ainda que se reconheça a legitimidade dos princípios de indissociabilidade, da relação universidade-sociedade e também do valor da extensão para o futuro exercício profissional, em nossa reflexão sobre o **Programa Alunos Contadores de Histórias** as vivências extensionistas estão consideradas de uma forma mais ampla, em uma dinâmica que se orienta para os sujeitos e as formas com quem conferem *sentidos subjetivos*² às suas vivências ao longo do processo.

Ressalta-se que grande parte da força transformadora identificada nos estudantes que vivenciam a contação de histórias para crianças hospitalizadas reside na orientação para que esses estudantes transformem essa experiência, desde seu início, como vivência subjetiva. Que cada um busque em si o impacto que esses momentos vividos trazem e que, dessa forma, haja a possibilidade da emergência de novas formas de comprometimento ético-social que, por sua vez, vão permitir novas formas de expressão desses sujeitos.

² Sentido subjetivo é conceito central da abordagem histórico-cultural da Subjetividade com tem sido desenvolvida por González Rey e colaboradores. “Sentido subjetivo se constitui como um sistema simbólico-emocional em constante desenvolvimento, no qual cada um desses aspectos se evoca de forma recíproca sem que um seja causa do outro provocando constantes e imprevisíveis desdobramentos que levam a novas configurações de sentido subjetivo.”(González Rey, 2006:34)

ALUNOS CONTADORES DE HISTÓRIAS

O **Programa Alunos Contadores de Histórias** é um programa de extensão universitária que envolve alunos de graduação e pós-graduação dos diferentes cursos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) no trabalho de contação de histórias para pacientes atendidos no Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira (IPPMG) que atende crianças e adolescentes com doenças crônicas e complexas.

De agosto de 2008 até junho de 2012, 378 alunos da graduação e pós-graduação participaram desta iniciativa em 07 turmas. Foram, portanto, duas por ano com seus respectivos treinamentos para formação de novos grupos de contadores de histórias. É exigida a participação integral na capacitação, que consta de três encontros de 4 h, com apresentação de seis palestras, 2 h de oficinas de *contação de histórias* e 4 h de estágio prático supervisionado. Após a capacitação os alunos se comprometem a atuar 2 h/semana durante seis meses nos diversos setores do IPPMG. A avaliação é realizada através da análise dos registros efetuados em formulário próprio e dos relatos dos estudantes, das crianças e acompanhantes, assim como da equipe hospitalar.

A primeira turma teve 30 inscritos e esse número cresceu a cada treinamento. Desde 2010, o número de alunos que se inscrevem para participar do projeto é maior do que o número de vagas destinadas ao treinamento. Chegando, no último treinamento, a 300 alunos inscritos. Devido ao limite físico dos locais possíveis de se contar histórias no IPPMG, além do número reduzido de profissionais na coordenação do projeto, pois é essencial a manutenção da proximidade entre coordenadores³, alunos apoiadores e alunos contadores, o máximo de participantes admitidos em cada treinamento é cerca de 80 alunos. Junto ao aumento da demanda, alguns alunos manifestaram vontade de continuar atuando no projeto, dessa forma foi implementado uma turma de alunos apoiadores que se tornou uma rede de ajuda inestimável, tanto no período de treinamento quanto no dia a dia do projeto no acompanhamento dos alunos treinados naquele semestre, bem como em projetos próprios como o desenvolvimento do banco de dados, do blog, etc.

³ São responsáveis pelo Projeto as coordenadoras Dr^a. Sonia Steinhauer Motta – Pediatra e a Dr^a. Regina de Almeida Fonseca – Fisioterapeuta, especialista em Literatura Infanto- Juvenil; a Psicóloga Maria de Fátima O. Santos - responsável por suporte psicológico aos alunos participantes.

Assim, os alunos recém chegados têm suas atividades acompanhadas, seja para auxiliá-los em situações que não saibam como agir, para as avaliações sobre o projeto e, também para o estabelecimento do diário dos contadores de histórias que possibilita a identificação da presença do estudante e do número de crianças atendidas. Dessa forma, até abril/2011, 10.761 pacientes participaram das atividades nas 2.611 horas doadas.

Em relação à distribuição da participação dos estudantes, observa-se que inicialmente o projeto era predominantemente das áreas médica e biológica, pois quando o projeto foi criado, a divulgação era feita somente para cursos da área da saúde. Atualmente, o projeto tem abrangência de 64% dos cursos da UFRJ (47 dentre os 74 cursos da UFRJ) e, ao longo das turmas, o número de participantes do curso de engenharia cresceu a ponto de, atualmente, se tornar a maior área participante do projeto, como evidenciado no quadro abaixo:

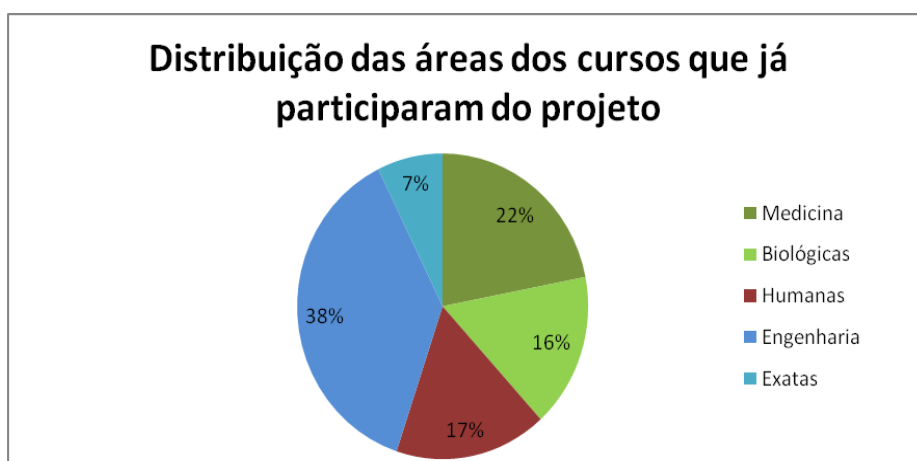


GRÁFICO 1: DISTRIBUIÇÃO DE ALUNOS PARTICIPANTES POR ÁREA DO CONHECIMENTO (FONTE: TRABALHO “Perfil do aluno participante do Projeto Alunos Contadores de Histórias/IPPMG”)

Ao final do treinamento e ao longo dos seis meses de participação do estudante, o mesmo é instigado a escrever sobre sua experiência. Em princípio esse relato é chamado de relatório e, portanto, aparentemente tem um perfil institucional. No entanto, nesses relatos os estudantes são chamados a contar suas impressões como se estivessem contando para um amigo/a ou para algum familiar sobre a experiência, procurando ressaltar nela o que foi de maior impacto, o que chamou sua atenção, o que se relacionou com sua emocionalidade, etc. De forma similar, um relatório final também é solicitado. Além disso, constata-se uma constante comunicação, em forma de troca de

meios muito coloquiais, tanto com os alunos apoiadores, quanto com uma das coordenadoras gerais do programa, co-autora desse trabalho.

Extratos desses relatos compõem parte do conjunto de dados desse trabalho. Além desses, a reflexão constante sobre a forma da gestão do programa é constitutiva do trabalho cotidiano da coordenadora do projeto, co-autora do trabalho.

O trabalho obedece aos princípios metodológicos da Epistemologia Qualitativa, González Rey, 2005, que apresenta como princípios epistemológicos o caráter construtivo interpretativo, a busca da construção do conhecimento a partir da singularidade e em um diálogo contínuo e constante com os sujeitos pesquisados, nos diferentes contextos do programa.

Assim, embora os diálogos e relatos sejam os dados que apareçam transcritos, as reflexões teóricas referem-se não apenas aos usos discursivos da linguagem, mas ao entrecruzamento de indicadores que surgem na análise dos diferentes momentos empíricos da pesquisa, tais como a emocionalidade na abordagem dos assuntos da narrativa, a forma como o estudante se apresenta para a contação da história, a construção da autonomia na tarefa de enfrentar o “desconhecido”, a recorrência de determinados tópicos, a satisfação de estar “fazendo um bem”, etc., etc.

São os aspectos da constituição subjetiva desses sujeitos que permitem a construção argumentativa sobre a essencialidade do protagonismo do sujeito para a gestão de programas de extensão que pretendam o desenvolvimento de uma nova consciência social.

RELATÓRIOS DO PRIMEIRO DIA DE ESTÁGIO

Conforme os primeiros relatos, os momentos inaugurais no campo dessa experiência de extensão são marcados por receios e ansiedades. Inseguranças do início, da responsabilidade, do desconhecido. Os relatos de R1, de A, de MR e da aluna apoiadora P confirmam o envolvimento subjetivo desde os primeiros momentos da participação no programa.⁴

R1

Logo no início comentei com a R os meus medo e ansiedades. Falei de como estava me sentindo e do medo de não saber contar ou não agradar. R me disse que o importante é gostar de contar histórias e gostar da história, que cada um tem um jeito diferente.

⁴ Embora creiamos que os contadores teriam muito orgulho de terem seus nomes registrados, consideramos prudente manter a formalização acadêmico-científica do resguardo da identificação dos participantes.

A

Eu estava um pouco apreensiva com o dia de hoje. Tinha alguma noção do que eu iria fazer como contadora de histórias, mas a tarefa ainda não estava totalmente esclarecida. Meus receios eram bobos, infantis. Medo de ser rejeitada, em não saber como lidar com as crianças, em não ter tato para abordá-las, como pedir permissão para os pais e parentes, enfim, não conseguia prever a reação de ninguém, principalmente a minha. E na Engenharia, meu “curso-natal”, prever, antecipar, preparar-se, calcular o possível e impossível, os acontecimentos prováveis e improváveis são de praxe. Enfim, na engenharia tudo é previsível e contar história para uma criança doente é completamente imprevisível.

Rapidamente, os ânimos se transformam frente aos êxitos individuais e relacionais que se convertem em satisfação....

A

Fui surpreendida não só pelas crianças e com o hospital, mas também comigo mesma. Reavaliei valores ofuscados pelo cotidiano e pelo desgaste da vida corrida. Encontrei pequenas pessoas enfrentando uma realidade tão difícil e assustadora, problemas que, por vezes, não são suportados nem por pessoas grandes.

MR

Eu não sabia o que esperar e por isso me surpreendi um pouco, não com as crianças, mas com as reações que eles causaram em mim a cada sorriso. Ele não parecia muito interessado, mas aos poucos foi se soltando e o sorriso dele provocava instantaneamente o meu. Eu não tinha acordado muito bem, mas foi naquele menino que o meu dia começou a mudar.

...e vontade de enfrentar novos desafios

MR

Estar no IPPMG, conhecer algumas crianças e provar desses efeitos "novos" só me fez ter mais certeza de que eu quero participar desse projeto e ajudar todas as pessoas que eu puder ajudar.

Portanto, a teia de configurações subjetivas começa a ser tramada desde os primeiros momentos, de tal forma que a experiência vivenciada não encontra substrato simbólico para ser relatada.

RI

Não sai do IPPMG feliz e muito menos triste, segunda feira sai do IPPMG com uma visão diferente de mundo e fazendo reflexões sobre a vida, a felicidade, a simplicidade de contar uma história e através dela proporcionar oportunidade de a criança fantasiar, imaginar exercitando suas funções simbólicas, ter momentos agradáveis mesmo que o contexto seja adverso. Contar histórias para crianças no hospital foi uma experiência ímpar que não tenho como descrever em palavras.

Os relatos transmitem entusiasmo, que por sua vez são secundados pelos entusiasmos dos alunos apoiadores e da coordenadora e que dão respaldos às conquistas subjetivamente reconhecidas após uma primeira incursão no hospital junto às crianças e às famílias.

A

A P, minha apoiadora, é um amor. Super prestativa e comprometida em me ajudar com o que fosse preciso. R, não sei se era esse o depoimento que você queria. Tentei contar meu dia da maneira mais realista que pude.

P (aluna apoiadora)

*Fiquei muito feliz e emocionada com depoimento da A, e muito gratificante para nos ver que o nosso trabalho esta afetando varias vidas, nao so das criancas internadas, mas tambem de nos que estamos contando historias e nos da uma alegria que nos transforma de tal maneira que nos impulsiona na busca de um mundo melhor:) eu sou uma pessoa privilegiada por fazer parte de um projeto tao lindo, que tem ajudado,acrescentado muito na minha vida:)
obs.:desculpe a falta de acentos...⁵*

RELATOS DA CONTINUIDADE DO TRABALHO: O ESTUDANTE PARTICIPANTE

O diálogo transcrito a seguir se estabelece em função da iniciativa de um dos estudantes que já havia passado do momento inicial de atuação no Programa. Após a formatura como contador, em um lindo sábado de sol próprio para ir à praia, o estudante resolve ir contar histórias no hospital. Até então, a contação não ocorria nos sábados. As informações sobre a novidade acontecida não ficam restritas e a mensagem-solicitação da coordenadora geral que, em outra forma de organização talvez pudesse ser tomada como reprimenda, é logo interpretada como reconhecimento e compartilhamento de crença na possibilidade da iniciativa da ação do estudante. Logo a seguir, o pedido sobre a elaboração de um relato reflexivo, que, de forma bastante alinhada, já havia sido feita pelo estudante. A crônica transborda na mensagem de volta da coordenadora.

Assunto: *Bom Dia R.*

Olá D, soube que vc esteve nas enfermarias sábado, depois da formatura, que tal escrever sobre a sua experiência?

Assunto: *Re: Bom Dia*

⁵ Manteve-se a forma dos relatos/mensagens tal como nos originais, para ressaltar a coloquialidade das interações.

Bom dia, R!!! Não precisava nem ter encomendado! rsrs, já tava escrita, desde sábado! segue o texto de sábado! beijos!

Sábado ensolarado

Dia de formatura, sábado, um sol de rachar e céu de brigadeiro. Estava eu então, à mesa tomando café com meus pais, que tinham vindo passar o final de semana, quando eu disse, como uma criança que quer ir brincar, mas tem que reclamar de alguma coisa:

- Essa formatura tinha que ser num sábado de sol? Não poderia ser num dia de semana chuvoso? Logo num sábado assim? (Afinal, ficaríamos num ambiente fechado, num auditório!) Com uma sutileza de mover montanhas, meu pai que até então nem sabia de formatura, mas sim somente que eu iria para o hospital contar histórias, replicou, entre outras palavras:

- É filho, mas também é sábado de sol para quem está lá dentro...

Bom, depois de um tapa sem mãos assim tão displicente, agora não seria mais como planejado. Se eu saísse de lá com jaleco e crachá na mão, sem tem perambulado pelas enfermarias (o que de fato era o plano inicial), não poderia me considerar um contador ainda, teria que esperar até a próxima semana, afinal, o que faz de um médico um médico, é a medicina, não o jaleco – acho que não é necessário completar a analogia.

Então, findada a festa, que foi ótima por sinal (cada vez que alguém de fora vê a foto oficial me diz: - Nossa, quanta gente boa no mundo!”), resolvi esperar um pouco e estrear meu jaleco com cheiro de novo. Como de costume, recente costume, juntei meus marcianos, bruxas, dragões e fadas, coloquei-os numa bolsa azul e parti para as enfermarias, onde naquela hora, boquinhas pequenas comiam, mas ao olharem para aquele jaleco colorido – e como já escutei, “esse jaleco tem poder” – houve um mix de susto e alegria, a primeira manifestação veio acompanhada de um sorriso:

- Ué, tio, você pode vir aqui sábado?? =)

De fato, tudo fica um pouco diferente no sábado, lá dentro é mais vazio, menos gente entrando e saindo. Não chega a ser um sábado chuvoso, mas digamos então que seria um dia nublado, do qual não se espera muita coisa. Então percebi que meu dever seria levar uma massa de ar quente àquelas camas geladas, ensolarar aquele sábado para quem tinha uma nuvem de concreto acima de sua cabeça e uma neblina de vidro à sua frente!

E para contadores, missão dada é missão cumprida, as duas horas foram ótimas! A enfermaria se transformou praticamente num ambulatório, dadas as devidas proporções é claro; além de contar histórias, aprendi como se deve fazer uma casa de concreto bem forte, como a do terceiro irmão porquinho, aprendi como se faz bolo, recordei como se sobe em pé de jabuticaba, lembrei de como se solta pipa e um lugar onde se conta história um a um, transformou-se num palco, com uma plateia risonha e com brilho nos olhos, que refletiam o sol forte de sábado.

Antes de partir, porém, além da demanda por mais histórias de adivinhação, mais uma manifestação, novamente em forma de pedido:

- Tio, avisa ao pessoal que pode vir sábado também! =) D

Assunto: Re: Re: Bom Dia

Olá D, novamente fui surpreendida por um texto simples, sincero e extremamente focado na realidade que encontramos nas enfermarias quando contamos histórias, ou melhor quando nos entregamos ao ato de contar histórias!!! O que vc acha de inserir seu texto no face com o título : “- Tio, avisa ao pessoal que pode vir sábado também! =)” R

EX-PARTICIPANTES: RELATOS E PEDIDOS

Transparecem nos relatos até agora transcritos a expectativa de participação de alunos que estão iniciando e o entusiasmo de quem já não se sente tão iniciante assim. Esse conjunto pode não ser considerado suficiente para indicar mudanças pessoais que passam a se traduzir em novas configurações subjetivas que ampliem o universo da consciência social desses sujeitos. Portanto, trazemos relatos de ex-participantes, pessoas que seguem se sentindo contadores de histórias. F relata a experiência pessoal carregada de responsabilidade, em um misto de tristeza, mas grande compreensão sobre os recursos que tem para o enfrentamento do desafio familiar que experimenta. A solicitação de ajuda de L, por outro lado, demonstra a amplitude da relação entre as configurações subjetivas do sujeito e o valor social que compreende que sua ação pode ter. E continua com o suporte e a torcida da coordenadora geral.

F

Assunto: *Como foi fazer parte dos Contadores de História.*

Olá R! Fui contador de história no período de 2011/2 e gostaria de compartilhar com você como foi ter sido um. Sei que não fui dos mais presentes, mas o pouco que fiz me fez muito bem. Me deu sabedoria. Gostei de contar histórias para as crianças, todas, sem exceção. Gostava do ambulatório, internação, mas o que eu mais gostei foi do aquário. E foi lá que tive uma grande lição de vida, lição esta que carregarei por toda minha vida e passarei adiante. Tinha ido nos outros locais e via crianças sofrendo e ao mesmo tempo fazendo (charminho, sendo pidão, emburrado). E o tempo todo me perguntava como devem ser os pacientes do aquário? Até que um dia resolvi ir lá... e me surpreendi com o quanto as crianças tinham garra, cheias de vida. O que é meio contraditório, a princípio, uma vez que sofrem com uma doença bastante covarde que é o câncer. Não sei se você sabe, mas minha mãe sofre de CA e foi esse um dos motivos pelos quais resolvi entrar nesse projeto. Algo dizia em mim que eu sairia desse projeto diferente de quando entrei. E bem, nesse dia ela internou e agora está naquela fase de interna sai e interna de novo. Consequências do tratamento; está naquele momento crítico onde o inevitável se aproxima. Quando disse para ela que meu certificado de conclusão do projeto estava pronto, pediu que eu contasse uma história para ela. Vou tirar o jaleco do armário colocarei o livro favorito de sua infância embaixo dos braços (O pequeno Príncipe) e lerei para ela. Estou enviando para você esse e-mail, pois minha mãe que foi uma professora da graduação de medicina da UFRJ me ensinou como é difícil ser do Fundão. Por consequência, me ensinou como é importante ser grato àqueles que fazem bons trabalhos. Portanto, gostaria de agradecer por essa oportunidade e que esse projeto nunca termine. E que você saiba o quanto esse projeto me fez bem. Eternamente grato, F

L

Assunto: *Alunos Contadores de História*

Oi, R Tudo bem? Como vai o projeto lá no IPPMG? Indo bem como sempre? Espero que sim. Se precisar de qualquer ajuda/apoio, não deixe de me procurar. Estou estagiando numa empresa de engenharia civil e eu sugeri que

apoiassem/implantássemos um projeto similar de contação de histórias e todos adoraram a ideia. A empresa irá desenvolver uma obra no centro, na região portuária, e a ideia é apoiar/implementar em algum hospital da região. Você saberia me dizer se: 1. Existe um hospital infantil na região? 2. Se sim, já há algum projeto de contação de histórias ou algo similar neste(s) hospital(is)? Sua ajuda seria muito, muito importante pra mim. E agradeço antecipadamente. Beijos saudosos, L

Assunto: *Re: Alunos Contadores de História*

Olá L, que bom saber notícias suas!!! Quanto as suas questões infelizmente não poderei ajudá-la, pois realmente não sei responder..... mas quem sabe se vcs poderiam, mesmo na zona do porto, realizar o atividade de contação de histórias na comunidade ao redor ou quem sabe em alguma escola perto?? Se vc precisar de ajuda estou à disposição para ajudar no que for possível. Fico feliz que, de alguma maneira, vc tenha levado a ideia de levar a contação de histórias como uma atividade solidária para dentro da empresa que vc estagia!!Aguardo notícias e torço para que sua ideia siga adiante.BJS BJS R

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do princípio da indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão na compreensão da organização da universidade, a extensão tem sido o *locus* em que, tanto o ensino, a formação profissional dos estudantes, quanto a pesquisa, produção de conhecimento, organizariam a articulação entre universidade e sociedade.

A explicação, reiterada em documentos legais, propostas de gestão administrativa e artigos acadêmicos, omite os sujeitos do processo como se ensino-pesquisa-extensão ocorressem de forma dissociada aos sujeitos que as realizam.

Nesse artigo, procuramos argumentar em favor de uma formação universitária que, sem descuidar do rigor da formação técnico-científica, permita aos sujeitos envolvidos no processo o desenvolvimento de novos sentidos subjetivos de vivenciar a realidade social que não se organizam como competências ou habilidades, mas como configurações subjetivas que permitem novas expressões desse sujeito, entre outros desenvolvimentos, também na sua vida profissional.

Considera-se, ainda, que são os aspectos da constituição subjetiva desses sujeitos que permitem a construção argumentativa sobre a essencialidade do protagonismo do sujeito para a gestão de programas de extensão que pretendam o desenvolvimento de uma nova consciência social.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, D. M. P. et ROCHA, M. S. P. et MOURA L.da. (2010) Meta-avaliação de uma extensão universitária: Estudo de caso. *Avaliação (Campinas)* [online]. 2010, vol.15, n.2, pp. 131-157. ISSN 1414-4077. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-40772010000200008>.
- BARTNIK, F. M. P. e SILVA, I. M. da.(2009) Avaliação da ação extensionista em universidades católicas e comunitárias. *Avaliação (Campinas)* [online]. 2009, vol.14, n.2, pp. 453-469. ISSN 1414-4077. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-40772009000200010>.
- CARDOSO, T. M.(2007) Experiências de ensino, pesquisa e extensão no setor de pedagogia do HIJG. *Cad. CEDES* [online]. 2007, vol.27, n.73, pp. 305-318. ISSN 0101-3262. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622007000300004>.
- CARVALHO, S.M.S. (2009) Reflexões sobre a extensão na universidade pública brasileira. Em *Revista Participação*, nº 16, Brasília, DF:UnB, pp 12-20
- COSTA, A. L.(2010) A extensão na formação de profissionais de história. *Rev. Bras. Hist.* [online]. 2010, vol.30, n.60, pp. 35-53. ISSN 1806-9347. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882010000200003>.
- FANTIN, J. T.(2011) Projeto Rondon: extensão universitária e Agenda 21 na Amazônia. *Interações (Campo Grande)* [online]. 2011, vol.12, n.1, pp. 115-124. ISSN 1518-7012. <http://dx.doi.org/10.1590/S1518-70122011000100011>.
- PEREIRA, A.C.P. & SILVA, C.O. (2012) Perfil do aluno participante do Projeto Alunos Contadores de Histórias/IPPMG, trabalho apresentado no 9º Congresso de Extensão da UFRJ, coordenado por FONSECA, R.de A. & MOTTA, S.S., não publicado
- GONZÁLEZ REY, F (2005) *Subjetividade, Complexidade e Pesquisa em Psicologia*, São Paulo: Thomson
- _____ (2006) O sujeito que aprende: desafios do desenvolvimento do tema da aprendizagem na psicologia e na prática pedagógica. Em Tacca, M.C.V.R *Aprendizagem e Trabalho Pedagógico*, Cap. 2. p. 30 – 44, Campinas, SP: Ed. Alínea
- MACIEL, L.R. (2010) Política Nacional de Extensão: Perspectivas para a Universidade Brasileira. Em *Revista Participação*, nº 18, Brasília, DF:UnB, pp 17-27
- RIBEIRO, K. S. Q. S. (2009) A experiência na extensão popular e a formação acadêmica em fisioterapia. *Cad. CEDES* [online]. 2009, vol.29, n.79, pp. 335-346. ISSN 0101-3262. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622009000300004>.
- UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
<http://www.unb.br/administracao/decanatos/dex/index.html> acesso em setembro de 2012
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
http://www.pr5.ufrj.br/index.php?option=com_content&view=article&id=74&Itemid=152 acesso em setembro de 2012
- Documento da Política Nacional de Extensão Universitária, Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras (FORPREX), maio 2012